

# O CINZEL DO PSICÓLOGO

Uma psicologia iniciática para a vida comum



Paulo Cesar T. Ribeiro



# **O CINZEL DO PSICÓLOGO**

**Uma Psicologia Iniciática para a  
Vida Comum**

**Paulo Cesar T. Ribeiro**



## Nota do Autor

Este livro nasceu de um lugar simples e, ao mesmo tempo, difícil: o lugar onde a vida pede forma, mas a alma pede verdade.

Há um tempo em que a gente vive espalhado. Cumpre tarefas, atende demandas, responde mensagens, segura o mundo com as mãos trêmulas e chama isso de “rotina”. Por fora, parece que está tudo funcionando. Por dentro, porém, alguma coisa pede chão. Não é a vida que falta - é um eixo. Uma estrutura íntima que sustente o que sentimos, o que escolhemos e o que carregamos.

É nesse ponto que a travessia começa.

**O Cinzel do Psicólogo** não foi escrito para ensinar um caminho, nem para oferecer certezas prontas. Ele foi escrito para acompanhar as travessias - aquelas que quase ninguém vê, mas que mudam tudo por dentro. Travessias em que a pessoa perde ilusões, revisa promessas, reconhece suas feridas, reconstrói a própria dignidade e tenta amar melhor, mesmo sem garantias.

A narrativa acompanha Ricardo, um psicoterapeuta que encontra na Maçonaria um mapa simbólico para organizar o caos, refinar o olhar e sustentar escolhas mais

responsáveis. Ele já conhecia a dor humana pela escuta clínica: as máscaras, os mecanismos, as defesas, as repetições. Mas foi ao tocar o símbolo - esse idioma antigo, que não explica, apenas revela - que ele começou a perceber algo que nenhum manual ensina: a vida não muda apenas quando a gente entende mais. A vida muda quando a gente sustenta melhor.

E sustentar melhor não é endurecer. É amadurecer.

Ricardo não entrou na Maçonaria para “ser alguém a mais”. Entrou para tentar ser alguém de verdade. Não para se elevar acima do mundo, mas para não se perder de si mesmo dentro dele.

Se você é maçom, encontrará símbolos familiares. Se não é, encontrará algo igualmente essencial: a linguagem universal dos ritos internos - aqueles que não dependem de templo algum, mas da disposição de construir, em silêncio, um lugar melhor dentro de si.

Peço apenas que este livro seja lido sem pressa. Ele não exige concordância. Ele convida presença.

Porque, no fim, a maior vitória não é compreender tudo. É não trair a própria alma enquanto tenta viver.

E se existir alguma forma de vitória - ela não estará na aparência, nem no status, nem no “título” interno. Estará

na simplicidade de um homem que aprende a existir com mais verdade, colocando limites sem perder a ternura, sustentando escolhas sem se violentar, e honrando, passo a passo, a dignidade da vida.

Porque, no fim, não é o rito que faz o homem. É o que o homem faz de si mesmo depois do rito.

## Prefácio

Convidado que fui para prefaciар “O Cinzel do Psicólogo: Uma Psicologia Iniciática para a Vida Comum”, apressei-me em ler o texto. Logo percebi que estava diante de um verdadeiro manual com a fórmula do bem viver.

Não nascemos prontos.

O transcorrer da existência de cada um vai determinar o quanto e quando a obra está concluída.

Vem à lembrança a figura da pedra bruta, ideia que remete a pensar na lapidação e no embelezamento que podem e devem ser atingidos durante a existência.

A tarefa não é fácil. O resultado, menos ainda.

Não há manual de instrução orientando o que e como fazer.

Encontramos Ricardo, o personagem do livro em causa, quem orienta como fazer, que obstáculos evitar e obter sucesso existencial.

Tenho dito que viver é uma corrida às avessas.

Ganha quem busca os mais atrasados, trazendo-os para próximo dos primeiros lugares.

Este livro tem fórmula certa a mostrar como vencer o desafio de maneira mais suave.

Não nascemos prontos.

Todavia, acompanhando a aventura de Ricardo durante a jornada literária, estaremos, sim, prontos e perfeitamente completos como humanos que buscam a perfeição do polimento.

Aproveite o que Ricardo tem a dizer.

Antônio Carlos Cunha

## **Movimento 01 - Ferramentas para não endurecer**

*“Não caias nessa doença do caráter que tem por sintomas a falta de firmeza para tudo, a leviandade no agir e no dizer, o atordoamento...: a frivolidade.” (Josemaría Escrivá)*

Ricardo não se assustou ao ouvir que era uma pedra bruta. O que o perturbou foi perceber que aquela frase não falava apenas de um rito - falava dele e do quanto havia se acostumado a isso.

Até então, sua vida parecia funcional: trabalho, família, estudos, compromissos assumidos com seriedade. Ainda assim, havia nele uma sensação difusa de desordem interior - não um caos visível, mas uma espécie de dispersão silenciosa, como se suas forças se anulassem mutuamente. Pensava demais, reagia rápido demais, prometia mais do que podia sustentar. Nada grave o suficiente para ruir, nada sólido o bastante para permanecer.

Foi nesse estado que ouviu, pela primeira vez, a instrução inicial do Aprendiz.

A formalidade do rito não o incomodou. Pelo contrário: confortou-o. Havia algo de tranquilizador em gestos precisos, palavras medidas, entradas e saídas ritualizadas. Como psicoterapeuta, Ricardo conhecia bem o valor das formas - sabia que o humano se perde quando tudo é permitido, quando não há contorno para o excesso.

Mas ali, no início de sua jornada maçônica, o impacto foi outro. Não se tratava de compreender intelectualmente símbolos ou repetir ensinamentos. Tratava-se de aceitar que algo nele precisava ser desbastado, e que esse trabalho não poderia ser feito às pressas, nem por impulso.

A ideia de estar encerrado numa pedra - rude, irregular, resistente - produziu nele um misto de angústia e alívio. Angústia por reconhecer que, apesar de tantos anos de estudo e escuta clínica, ainda vivia submetido a impulsividades mal compreendidas. Alívio por perceber que não estava condenado a isso: havia ferramentas.

O maço, o cinzel e a régua não lhe pareceram instrumentos exteriores, mas imagens internas. Vontade sem inteligência endurece. Inteligência sem força paralisa. Tempo sem medida dispersa. A combinação dessas três exigia disciplina - algo que ele sempre

admirara nos outros, mas nem sempre conseguira sustentar em si.

Ricardo compreendeu, quase de imediato, que buscar uma vida significativa não era uma aventura romântica. Exigia método. Exigia constância. Exigia renúncia à frivolidade - essa forma sutil de morrer em vida, de acumular intenções vazias e adiamentos intermináveis.

A primeira instrução lhe pareceu um retorno ao ponto zero. Não no sentido de apagamento, mas de desnudamento. Tudo aquilo que aprendera no mundo profano - suas defesas, seus papéis, seus discursos - precisava ser colocado entre parênteses. Não para ser negado, mas para ser revisto à luz de algo mais essencial.

A marcha do Aprendiz, em direção à luz, não lhe souu como promessa de iluminação, mas como exigência de perseverança. Caminhar, insistir, falhar, retomar. Construir um templo que não fosse visível, mas habitável. Percebeu que não avançaria sozinho. A fraternidade, ali, não era idealização afetiva, mas proteção contra a própria cegueira.

O sinal de ordem lhe ensinou algo que ele levaria para a clínica anos depois: o corpo também pensa. Postura é ética. Equilíbrio físico sustenta o equilíbrio psíquico. O rito, compreendeu, não era encenação vazia, mas vivência

do mito - uma linguagem anterior à razão, capaz de tocar aquilo que o discurso não alcança.

Sentiu-se integrado, é verdade. Mas não orgulhoso. Integrar-se, para ele, não significava pertencer sem conflito, e sim aceitar-se em processo.

A viagem que começava não seguia para fora. Partia do centro da pedra - justamente o lugar mais difícil de alcançar. Ali, onde a essência do ser permanece escondida sob camadas de adaptação, expectativas alheias e medos antigos. Ricardo conhecia bem essa tensão: o embate constante entre o homem que era e o homem que esperavam que fosse.

Trabalhar para que das trevas nascesse a luz não lhe pareceu uma metáfora espiritualizada demais. Era uma descrição precisa do que via diariamente no consultório. A diferença é que, agora, o trabalho também o incluía.

A pedra, pensou, não era apenas obstáculo. Era origem. Terra. Totalidade. Dentro dela viviam o fogo, a água e o ar. Tudo o que existe já estava ali, comprimido, aguardando forma. Aceitar-se pedra era aceitar-se humano - incompleto, resistente, fecundo.

Essa concepção o aproximou de algo que sempre intuía: a necessidade de reconhecer uma matriz materna do inconsciente, uma base que acolhe antes de julgar. Não

era uma oposição ao princípio masculino, mas um complemento esquecido. A vida, afinal, nasce da terra antes de aspirar ao céu.

Ricardo entendeu, então, que não havia espaço para vaidades nesse trabalho. O desbaste exigia força sem brutalidade, inteligência sem arrogância, tempo sem desperdício. Aproximar-se do inconsciente não era um gesto heroico, mas um risco necessário. Dar luz às próprias sombras implicava perder algumas ilusões - inclusive a de estar mais resolvido do que realmente estava.

As ferramentas, percebeu, não operavam sozinhas. Exigiam mãos dispostas, atenção constante e humildade diante do que ainda não se sabia. Ele sabia pouco. E isso, curiosamente, lhe trouxe paz.

Abraçar aquela simbologia lhe deu a sensação de não estar só. Não se tratava apenas de uma experiência individual, mas de uma herança compartilhada - um campo simbólico que atravessava gerações. A egrégora do templo não substituía o trabalho pessoal, mas o sustentava. Se ela se enfraquecesse, o risco seria confundir forma com conteúdo, rito com automatismo.

Ricardo sempre sentira falta de um irmão. Tinha uma irmã, amigos queridos, um primo que fora quase um espelho de infância - Betinho - cuja ausência eterna ainda

ecoava como uma pergunta sem resposta. Talvez por isso a fraternidade lhe tocasse tão fundo. Não como idealização, mas como reparação simbólica: a possibilidade de caminhar acompanhado sem perder a singularidade.

Ao final daquela primeira instrução, Ricardo não se sentiu melhor. Sentiu-se mais responsável. E isso lhe pareceu um bom começo.

A jornada não prometia cura. Prometia trabalho.

## Introdução

O que você acabou de ler não é apenas uma cena. É o ponto inaugural desta travessia. Antes de qualquer explicação, antes de qualquer teoria, há sempre um encontro – com algo que nos revela, nos inquieta e nos convoca ao trabalho interior.

Há livros que a gente lê para aprender. E há livros que a gente lê para se lembrar. Lembrar de algo que estava esquecido por dentro: lembrar de algo que estava adormecido por dentro: a exigência de coerência, a responsabilidade pelas próprias escolhas e o desejo de existir com mais inteireza – não apenas reagindo ao mundo, mas habitando-o. Porque, em algum momento da vida, todos nós percebemos que não é a falta de informação que nos adocece. É a falta de eixo. A falta de sustentação. A falta de um modo de existir que seja coerente com aquilo que sentimos, acreditamos e buscamos.

***O Cinzel do Psicólogo - Uma psicologia iniciática para a vida comum*** nasce dessa tensão. De um lado, a forma: aquilo que organiza, delimita, protege e estrutura. Do outro, a vida: aquilo que pulsa, transborda, muda, contradiz e nos obriga a recomeçar.

Quando uma vive sem a outra, algo se rompe.

Há pessoas que vivem apenas na forma - e, com o tempo, endurecem. Ficam “funcionais”, corretas, produtivas... mas secas por dentro. E há pessoas que vivem apenas na vida - e, com o tempo, se perdem. Sentem demais, prometem demais, se explicam demais... e não conseguem sustentar o próprio chão. O ponto mais humano - e mais difícil - é aprender a unir as duas coisas.

É nesse ponto que encontramos Ricardo.

Ricardo é psicoterapeuta. E, por isso mesmo, conhece o sofrimento humano de um modo particular: não apenas como teoria, mas como presença. Ele escuta pessoas tentando reconstruir a própria história. Pessoas feridas pela família, pelo trabalho, pelo amor, pelas perdas, pela culpa e pelas expectativas. Ele já viu muita coragem e muito colapso. Já viu almas boas se confundirem. Já viu máscaras virarem identidade. Já viu gente inteligente se sabotando por dentro. E, ao mesmo tempo, também conhece esse lugar silencioso em que o profissional precisa continuar firme - mesmo quando, por dentro, está tentando se manter inteiro.

Ricardo já tinha a psicologia. Mas percebeu que isso não bastava.

Não porque a psicologia falhasse. Mas porque há regiões do humano que não pedem apenas explicação. Pedem linguagem simbólica. Pedem rito. Pedem experiência. Pedem um tipo de pedagogia da alma que não acontece apenas pela lógica.

É quando ele ingressa na Maçonaria.

Este livro não é um manual sobre Maçonaria, nem uma exposição histórica, nem uma catequese simbólica. A Maçonaria aparece aqui como aparece na vida de muitos homens: como um território de espelho e confronto, beleza e disciplina, silêncio e fraternidade. Um lugar onde o símbolo não serve para ornamentar a mente, mas para reorganizar o homem.

Ao longo dessa jornada, Ricardo percebe que o maior risco da vida adulta não é “errar”. O maior risco é se tornar alguém que não sente mais o que faz - alguém que vive, mas não habita a própria vida.

E, por isso, a travessia dele não é apenas iniciática. É ética. É emocional. É humana.

Aqui, você encontrará temas como:

- o encantamento inicial e a necessidade de pertencer;

- o impacto do símbolo quando ele toca o inconsciente;
- a tensão entre razão e mistério, ciência e rito;
- a sombra do ego espiritual e das máscaras de superioridade;
- a diferença entre disciplina e rigidez;
- a fronteira ética entre papéis (o psicoterapeuta, o homem, o irmão maçom, o marido, o sujeito);
- o amadurecimento que exige limites, renúncias e escolhas reais;
- e o retorno para casa como uma forma nova de existir.

Mas acima de tudo, você encontrará um convite.

Um convite para olhar para si com honestidade - sem romantizar a dor, sem idolatrar a força, sem confundir espiritualidade com fuga. Um convite para perceber que amadurecer não é “virar invulnerável”. É se tornar alguém capaz de sustentar a verdade, amar com mais presença, construir com mais medida e existir com mais dignidade.

Se você é maçom, reconheça os símbolos e encontre neles um espelho renovado. Se não é, não se preocupe: o que está em jogo aqui não é o pertencimento a uma Ordem. É o pertencimento a si mesmo.

Porque, no fim, cada um de nós está atravessando alguma coisa. E talvez a pergunta mais importante não

seja “*onde isso vai dar*”, mas “*quem eu estou me tornando enquanto caminho*”.

Se este livro conseguir acompanhar você por alguns passos — não para oferecer respostas prontas, mas para sustentar perguntas mais honestas — ele já terá cumprido sua função. Porque, no fim, não se trata de encontrar um caminho perfeito, mas de tornar-se alguém capaz de caminhar com mais verdade.

P. C. T. R.

## Epígrafe

**“Quando o símbolo me  
tocou, eu entendi: não era  
sobre saber - era sobre ser.”**





**PAULO CESAR T. RIBEIRO**

**Psicoterapia e Aconselhamento Psicológico  
Adolescentes, Adultos, Casais e Gestantes**

**Escritor e Palestrante**

**R. Vergueiro, 3.153, Conj. 12 V. Mariana, S.  
Paulo, SP, CEP 04101-300**

**Email: [paulocesar@psicologopaulocesar.com.br](mailto:paulocesar@psicologopaulocesar.com.br)  
[www.psicologopaulocesar.com.br](http://www.psicologopaulocesar.com.br)  
Fone/Whatsapp: 94111-3637**